



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MATEMÁTICA

**EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM
CONTATO COM ALUNOS SURDOS**

Orientado: Bruno da Costa Rezende

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Teresa Menezes Freitas

Uberlândia

2018

BRUNO DA COSTA REZENDE

**EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM
CONTATO COM ALUNOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado na disciplina TCC-2 do Curso de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Menezes Freitas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Uberlândia

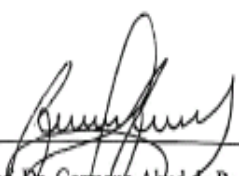
2018

EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM CONTATO COM ALUNOS SURDOS

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado como pré-requisito para
obtenção do título de Licenciado em
Matemática pela Universidade Federal
de Uberlândia submetida à aprovação da
banca examinadora composta pelos
seguintes membros:


Prof.ª Dr.ª Maria Teresa Menezes Freitas (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia


Prof.ª Dr.ª Fabiana Fiorezi de Marco Matos
Universidade Federal de Uberlândia


Prof. Dr. Germano Abud de Rezende
Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia
JUNHO – 2018

Dedico este trabalho à Deus por ter me dado forças para concluir o curso. Aos meus pais por terem me dado todo o suporte necessário para completar esta etapa acadêmica. À minha orientadora por ter colaborado e apoiado a ideia do trabalho desde o início.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me mostrado que, sem Ele, eu não seria capaz de nada. Além de estar presente em todos os instantes da minha caminhada, me ensinou a ser um homem melhor em todas as áreas da minha vida.

À minha mãe que sempre me deu todo o apoio necessário para concluir o curso e me ensinou com seu exemplo de vida que não alcançamos nada sem esforço. Sou muito grato pelos ensinamentos da mulher mais guerreira que conheço.

Ao meu pai que, com toda certeza, foi o grande responsável pela minha paixão pelos números. Por me ensinar toda a honestidade e responsabilidade de um homem, por me auxiliar em decisões complexas e ser meu grande líder e herói.

À minha irmã que compartilhou parte de seu tempo para conversas e suporte na escolha do tema deste trabalho, além de dividirmos várias experiências na universidade de forma a obter uma motivação mútua.

Aos grandes e eternos amigos que a universidade me ofereceu. Só tenho a agradecer por tornarem essa jornada um pouco mais divertida e tranquila apesar de todas as dificuldades.

À minha orientadora que, com toda sua paciência e cordialidade, confiou que eu fosse capaz de realizar um trabalho bem feito. Obrigado por ter oferecido toda a ajuda e por ter me aceitado como orientando apesar de todos seus outros compromissos.

*A cada dia se passam muitas coisas,
porém, ao mesmo tempo, quase nada nos
acontece. Dir-se-ia que tudo o que se
passa está organizado para que nada
nos aconteça.*

Jorge Larrosa Bondía

REZENDE, Bruno da Costa. **Experiências de professores de matemática em contato com alunos surdos**, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2018.

RESUMO

Esse estudo teve como um dos focos apresentar o registro da experiência de professores de matemática quando em contato com alunos surdos. O objetivo foi explicitar, por meio das histórias e impressões desses professores, as dificuldades encontradas por esses profissionais diante desses alunos, compreendendo estratégias encontradas para viabilizar o processo de ensino e aprendizagem. A divulgação do estudo espera contribuir com professores formadores e futuros professores no entendimento e percepção de dificuldades e caminhos possíveis no ambiente educacional quando alunos surdos encontram-se no ambiente de sala de aula em um movimento de inclusão no processo de interação social e aprendizagem de matemática.

Palavras-chaves: História Oral; Alunos surdos; Professores.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 COMO TUDO COMEÇOU	10
1.2 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA.....	16
3 EXPERIÊNCIA DOS PROFESSORES.....	21
3.1 EXPERIÊNCIA DA PROFESSORA AMY.....	21
3.2 EXPERIÊNCIA DA PROFESSORA BARBARA.....	23
3.3 EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR COLLIN	26
4 PERCEPÇÕES SOBRE O ESTUDO.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXO A	32
ENTREVISTA 1.....	32
ENTREVISTA 2.....	40
ENTREVISTA 3.....	48
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	53

1 INTRODUÇÃO

1.1 COMO TUDO COMEÇOU

A experiência pessoal de um indivíduo parece ser a melhor forma de lhe oferecer direções a respeito de seus caminhos e decisões futuras. Para melhor compreensão de como se deu o interesse pelo tema desenvolvido neste trabalho será oferecido ao leitor alguns detalhes da minha¹ experiência de vida. Iniciarei este texto contando um pouco do meu período escolar, isto é, ensinamentos fundamental e médio, e como eram as minhas experiências como aluno dentro de uma sala de aula.

Desde que comecei a frequentar a escola, nunca tive muitas dificuldades em aceitar que passaria um período do dia dentro de uma sala de aula. Acredito que sempre enxerguei a escola como uma segunda casa, não pela curiosidade de aprendizagem ou pela paixão em estudar, mas por saber que no dia seguinte eu encontraria meus amigos.

Acredito ser importante dizer também que, assim que eu e minha irmã começamos a estudar, meu pai sempre foi muito rigoroso com ambos. Sempre dizia que a nossa única obrigação era tirar boas notas na escola e que não tínhamos desculpas para que tal não acontecesse e, por esse motivo, exigia média nove em todas as matérias. Lembro-me de uma vez em que a professora da primeira série – atual segundo ano – pediu para que escrevêssemos um texto de acordo com uma leitura de um material. Confesso que na noite em que pedi ajuda ao meu pai, achei que ele escreveria o texto para mim, pois o texto era um pouco complexo para a idade da turma. Em vez disso, ele leu o material e selecionou as partes que achava importante eu colocar no texto e mandou que eu mesmo escrevesse. Atualmente acredito que consigo colher bons frutos dessa rigorosidade nos estudos, além de achar importante e necessária esse comportamento paterno.

Desde muito jovem, quase criança, eu sempre tive interesse em ensinar algo para alguém. Não só a Matemática, mas aquilo que estava ao meu alcance também. Se eu percebia que meus colegas de sala tinham alguma dificuldade em qualquer disciplina e

¹ O trabalho foi realizado em terceira pessoa. Apenas a trajetória pessoal foi descrita em primeira pessoa.

eu fosse capaz de ajudá-los, eu sempre me prontificava. Talvez seja por isso que, quando criança, eu e minha irmã sempre brincávamos de “escolinha” com os bonecos que tínhamos em casa, colocando-os em fileiras como uma sala de aula normal, realizando testes e fazendo cálculos de notas dos alunos, distribuindo prêmios para os que alcançassem melhores notas, além de chamar atenção quando necessário.

Vale dizer que eu sempre tive tendência a gostar de matemática. Ver meu pai fazendo cálculos mentais de parcelas e contas de uma casa comum sempre foi uma característica que eu admirava. A facilidade que ele tinha em entender e me explicar os problemas de matemática que a professora mandava como tarefa também era algo que eu sonhava em ter. Como parte de meu desenvolvimento lógico, lembro-me que eu e meu pai jogávamos xadrez com bastante frequência. Apesar de ser sempre derrotado, eu ficava maravilhado em ver o mundo de possibilidades e jogadas que as peças ofereciam ao jogador.

Claro que, ao longo de todo o ensino fundamental, os professores de matemática eram os que mais me chamavam atenção. Eu desenvolvi muito interesse pela matéria conforme ficava mais velho, e posso dizer que lembro praticamente de todos professores dessa disciplina até os dias de hoje. Alguns deles eu tenho uma total admiração e respeito e ainda espero ser como eles. O professor que domina o conteúdo e sabe de fato o que ensina, demonstra certa facilidade dentro de sala, e são esses os que estão gravados em minha memória.

Como dito anteriormente, eu sempre me prontifiquei a ajudar meus amigos que tinham dificuldades em algumas matérias. Quase todas as vezes em que nos reuníamos para estudar, eu era o responsável por resolver os exercícios que me pediam e até mesmo explicar teorias. De fato, grupo de estudos era algo que eu e meus amigos costumávamos fazer algumas vezes durante algumas semanas, principalmente as que antecedia as provas.

Quando eu tinha aproximadamente 15 anos, decidi que o curso que eu faria na faculdade seria algo relacionado à computação. Apesar de sempre gostar de ajudar meus amigos e sempre gostar de ensinar, eu tinha uma paixão muito grande por tudo que envolvia tecnologia. Desse modo, no segundo semestre de 2012 – eu estava no terceiro

ano do ensino médio – prestei o vestibular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para Sistemas de Informação e realizei um dos meus maiores sonhos: ingressar em uma universidade.

Nesse mesmo ano, eu tive oportunidade de estudar por alguns meses em um cursinho denominado Núcleo de Estudos e Reforço Didático Especializado (NERDE), onde fiquei por cerca de três meses antes de realizar a prova do vestibular para o curso de sistemas de informação. É importante ressaltar que na instituição, vários alunos que ali estudavam, retornavam e se tornavam monitores e professores ao ingressarem na universidade. Por esse motivo, quando ingressei na faculdade, retornei ao cursinho para ser professor e monitor de matemática, já que era a única disciplina a qual me sentia seguro para ensinar.

Então, durante dois anos, conduzi os meus estudos de programação na faculdade juntamente com os desafios de ser professor e monitor de um cursinho. Como o curso era noturno, eu fazia dos meus horários disponíveis horários para planejamento, regência e aprendizado da disciplina, o que me ajudou bastante no processo de conhecimento da ciência, além de me tornar mais familiarizado com as diferentes áreas presentes na matemática.

Nesse período que percebi que a minha maior preferência, em termos de carreira profissional, estava voltada para a área educacional. Por esse motivo, resolvi interromper o curso de sistemas e realizar um novo vestibular para o curso de matemática. Vale dizer que a transferência de curso não se deu pelo desgosto da primeira escolha, visto que programação é uma área que ainda pretendo estudar, mas sim por perceber que eu gostava mais de ser professor do que ser um profissional na área de tecnologia.

Com o ingresso no curso de matemática, comecei meus estudos e me deparei com matérias que me traziam vontade e prazer em conhecer a ciência. Vale ressaltar que ao olhar a grade do curso e ver que a disciplina Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) era obrigatória, não me convenci de que era importante. Acredito que pensava dessa maneira porque em todo o meu trajeto no ensino fundamental e no ensino médio eu não havia tido nenhum contato com alunos surdos em sala de aula.

Eu não tinha o menor interesse em realizar a disciplina, mas como fazia parte da grade curricular, em algum momento eu teria que cursá-la. Por saber que alguns dos meus colegas de turma fariam a disciplina um período antes do comum, eu resolvi cursá-la também para acompanhá-los. Em minha mente, eu afirmava que como a matéria não tinha tanta importância e quase nenhuma utilidade, fazer com boas companhias seria melhor do que sozinho.

Posso dizer com muita certeza que me matricular naquele período para realização da disciplina foi, talvez, a melhor decisão que fiz durante o curso. Desde o primeiro contato com o professor, me interessei bastante pelos conteúdos da disciplina e o que estudaríamos na sequência das aulas. As rodas de conversas com os amigos do curso eram apenas sobre LIBRAS e em como achávamos aquilo tudo muito diferente e curioso. Com os outros amigos que não se matricularam, eu dizia apenas para se matricularem na disciplina o quanto antes, tamanha empolgação a qual me encontrava.

Todas as minhas ideias a respeito da língua e da sua não utilidade foram transformadas. Ao longo da realização do curso, eu percebi sua importância e fiquei muito comovido quando o professor contava sobre a história dos surdos na cidade de Uberlândia, suas dificuldades diante dos estudos e das escolas que não possuíam estruturas para esses alunos, os preconceitos sofridos durante suas experiências de vida, entre outros.

Até esse momento, vale dizer que eu ainda não tinha definido o tema do meu projeto de conclusão de curso. Por isso, ter o contato com o professor de LIBRAS e todo seu carisma, além de descobrir sua paixão pela matemática, foram os motivos perfeitos que me fizeram decidir que o meu projeto final deveria ser um estudo que envolvesse a matemática e a língua de sinais.

1.2 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

Segundo Beyer (2003), a Educação Inclusiva tem ganhado espaço desde a década de 1990. Assim, alunos com necessidades educacionais especiais têm a oportunidade de frequentar a escola regular. Para tal, as escolas inclusivas devem oferecer o suporte necessário tanto para o aluno, quanto para o professor. E é sob esse

aspecto que se intensificam as investigações de profissionais da área com o intuito de facilitar o processo de ensino e aprendizagem e favorecer a inclusão do aluno surdo no espaço escolar regular. (DIAS; SILVA; BRAUN, 2007).

No entanto, segundo Dias, Silva e Braun (2007, p. 106-107), a inclusão de surdos em escolas regulares ainda apresenta algumas brechas e há alguns fatores que dificultam o “pleno aproveitamento desses alunos no sistema de ensino regular”. Dentre esses fatores, os autores destacaram o acesso à comunicação, a relação de colaboração entre surdos e ouvintes e a relação de colaboração entre professor e especialistas a fim de organizar atividades que vão ao encontro das necessidades de aprendizagem do aluno com deficiência auditiva.

Sob essa perspectiva, percebe-se que a inclusão de alunos surdos não se apresenta como suficiente para garantir o aprendizado. Segundo os autores, compartilhar o espaço físico parece ser um começo, mas as desigualdades de desenvolvimento e aprendizagem geram uma lacuna entre surdos e ouvintes e é “nessa lógica excludente da inclusão” que o professor deve se encaixar e trabalhar como um agente facilitador do aprendizado. (LOPES; MENEZES, 2010, p. 80).

No ensino da matemática, processos mais complexos como a contagem requer noções anteriores de ordenação ou produção de sequências numéricas. Dessa forma, o ensino inadequado de relações numéricas e de quantidade para alunos surdos geram dificuldades significativas no desempenho de operações aritméticas básicas. (MIRANDA; DE MIRANDA, 2011).

Segundo Miranda e de Miranda (2011, p. 37) há na matemática o uso de termos específicos, seja na forma escrita ou verbal, e que causa dificuldade especialmente em alunos surdos como “expressões condicionais (se, quando), comparativas (superior, a mais), negativas (não, sem) inferenciais (deveria, poderia, pois, uma vez), palavras de baixa informação (ele, alguma coisa) e longas passagens. ” Dessa forma, identifica-se a linguagem como potencial gerador do entrave ao aprendizado.

Tudo leva a crer que o professor que trabalha com alunos surdos, não só de matemática, deveria atentar-se para desenvolver metodologias, práticas de ensino, e aprimorar de seus conhecimentos para ser um mediador do processo de aprendizagem que respeita a individualidade de cada aluno no que se refere às suas necessidades. Ou seja, faz-se necessário que o professor saiba como cada aluno constrói conhecimento e esteja apto a ensinar adequadamente seus alunos. (MIRANDA; DE MIRANDA, 2011).

Essa problemática foi utilizada para delinear o objetivo geral desse estudo, que visa registrar e analisar, sob a perspectiva do professor de matemática, a experiência desses profissionais com alunos surdos, bem como suas interações, percepções e desafios encontrados durante sua trajetória. Como questão norteadora do estudo, temos: Que contribuições a experiência de professores de matemática que atuam ou atuaram em turmas com alunos surdos podem oferecer para a formação de outros profissionais de ensino? Nesse sentido, o método de pesquisa da história oral contempla as necessidades desse ensaio de pesquisa, visto que a subjetividade e a experiência individual se tornam relevantes para compreensão do objeto de estudo. (CAPELLE, 2010).

Assim, a divulgação do trabalho espera contribuir com professores formadores e futuros professores no entendimento e percepção de dificuldades e caminhos possíveis no ambiente educacional quando alunos surdos encontram-se no ambiente de sala de aula. De acordo com Borba (2004), tem-se notado nos últimos tempos um aumento no desenvolvimento de trabalhos realizados em História Oral na Educação Matemática. Esses trabalhos têm contribuído para a ampliação de referenciais no que diz respeito a temas mais focados. E segundo Ferreira (2002), em uma linha de trabalho detectada no campo da história oral, os depoimentos podem servir não só para finalidades acadêmicas, mas para construção de identidade e transformação social.

Os procedimentos utilizados em História Oral e Educação Matemática podem ser estruturados no que Borba (2004) chama de “momentos” de ação. Esses “momentos” são regulados em dois níveis: o de coleta de dados e o de tratamento das informações colhidas. Assim, foi elaborado um roteiro para a realização de entrevistas com três professores, as quais foram gravadas, para só então, essas informações serem

tratadas e analisadas. As três entrevistas foram gravadas e os áudios posteriormente transcritos.

Com o auxílio de professores de LIBRAS da universidade, foram indicados alguns professores que atuavam em turmas com presença de alunos surdos para a realização das entrevistas. Dentre os cinco indicados, apenas três se mostraram disponíveis, após serem contatados por meio de mensagens eletrônicas. Além disso, o critério preponderante adotado foi de que os professores atuassem como professores de matemática e tivessem experiência com a presença de alunos surdos em salas de ensino médio.

2 METODOLOGIA

Esse estudo tem como objetivo registrar e analisar a experiência de professores de matemática quando em contato com alunos surdos. Sob essa perspectiva, optou-se por se basear o ensaio de pesquisa no método denominado História Oral, conforme já anunciado anteriormente. Segundo Borba (2004), essa é uma metodologia qualitativa e tem sido bastante significativa para a Educação Matemática. Esse método, segundo esse autor, consiste não apenas de coleta de dados, ou de contrapor escrita e oralidade, mas de entender a história reconstruindo-a sob o olhar dos atores sociais e preservando a voz dos mesmos.

Parte-se da premissa de que a realidade é uma construção social e de que se tem por objetivo a compreensão de determinado contexto, a relação professor-aluno surdo. Assim, a técnica de pesquisa da história oral atende às expectativas como ferramenta para, documentação, arquivamento e estudos referentes à vida social dos envolvidos. Segundo Alberti (2000, p.1, *apud* CAPELLE et. al, 2010, p. 4),

história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

O método de pesquisa história oral, mesmo que ainda alvo de poucos estudos, tem se mostrado uma ferramenta relevante “no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades”. (FERREIRA, 2002, p. 330)

Na sistematização do método em questão, os “momentos” de ação, relatados por Borba (2004), são divididos em dois níveis já mencionados; o de coleta de dados e o de tratamento das informações colhidas. No entanto, em uma ocasião anterior ao primeiro momento foi elaborado o roteiro, baseado na questão norteadora, para a realização da entrevista. As perguntas norteadas estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Roteiro para entrevista.

nº	Pergunta
1	Me fale um pouco sobre a sua formação. Você fez graduação em Licenciatura em Matemática ou outro curso?
2	Como se deu sua atuação como professor de matemática com alunos surdos?
3	Você fez alguma formação ou especialização para ministrar aulas para alunos com deficiência? Conte-me um pouco sobre a sua motivação para lidar com o ensino para alunos com alguma deficiência.
4	Você cursou alguma disciplina, curso de graduação ou outro que, na sua opinião, tenha lhe preparado para ministrar aulas para alunos com algum tipo de deficiência? Você acha que seria interessante discutir um pouco esse assunto no curso de graduação/licenciatura?
5	Durante seu período no ensino fundamental e médio você teve algum contato com alunos surdos em sala de aula? E durante a faculdade? Se sim, como era a relação da turma com o aluno deficiente?
6	Você tem conhecimento da língua de sinais? Se não, pretende aprendê-la? O que você considera interessante para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem quando se tem na turma aluno surdo?
7	Como se dava a relação do professor e o conteúdo matemático com o(s) aluno(s) surdo(s)? A presença de um intérprete em sala ajuda, mesmo que o mesmo não tenha formação para ensinar matemática? Caso tenha tido intérprete em sala como era a sua relação com o aluno surdo e o intérprete?
8	Como você elencaria as dificuldades que encontrou ao ter um aluno surdo em sala?
9	Por quanto tempo você teve a experiência de ter um aluno surdo em sala?

Fonte: Autor.

Esse roteiro existiu apenas para nortear as perguntas, e, dessa forma, permitir que o entrevistado tivesse a abertura necessária para considerar outras questões que surgirem durante as entrevistas.

Depois de realizadas as entrevistas, segundo Borba (2004), faz-se necessária a elaboração de um texto a partir das informações veiculadas, a saber, as gravações com os dados orais. Assim, esses dados foram transcritos e registrados por escrito “tão exatamente quanto possível, o material gravado”. Então, só posteriormente foi realizada uma tentativa de “textualização”, na qual se abre mão dos vícios de linguagem, repetições desnecessárias e elementos próprios da fala. (BORBA, 2004, p.93).

Segundo Manzini (2018), a transcrição tem como objetivo a transposição da entrevista do áudio (sonoro) para a representação gráfica a fim de propiciar melhores condições de análise. Dessa forma, faz-se necessário estabelecer os critérios utilizados para a transcrição. Nessa perspectiva, Marcuschi (1986) reuniu quatorze sinais considerados, por ele, mais frequentes na realização de uma transcrição. Nos Quadros de 2 a 5 está indicado um resumo explicativo desses sinais e suas aplicações que foram também adotadas neste estudo.

Quadro 2 – Resumo explicativo das normas reunidas por Marcuschi – Parte A.

Categorias	Sinais	Descrição das categorias	Exemplos
1. Falas simultâneas	[[	Usam-se colchetes para dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno.	... B: mas eu não tive num remorso né? A: [mas o que foi que houve” J: [meu irmão também fez uma dessas’ B: depois ele voltou e tudo bem,
2. Sobreposição de vozes	[	Dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno.	... E: o desequilíbrio ecológico pode a qualquer momento: acabar com a civilização [natural J: [mas não pode ser/ o mundo tá se preocupando com isso E./ (+) o mundo ta evitando/.../
3. Sobreposições localizadas	[]	Ocorre num dado ponto do turno e não forma novo turno. Usa-se um colchete abrindo e outro fechando.	... M: A. é o segu [inte’ eu queria era:: A: [im] M: eh: dizer que ficou pronta [a cópia A: [ah sim] M: ela fez essa noite (+)/.../
4. Pausas e silêncios	(+) ou (2.5)	Para pausas pequenas sugere-se um sinal + para cada 0.5 segundo. Pausas em mais de 1.5 segundo, cronometradas, indica-se o tempo .	Ver exemplos no item 5.

Fonte: Marcuschi, 1986, p. 10-13.

Quadro 3 – Resumo explicativo das normas reunidas por Marcuschi – Parte B.

5. Dúvidas ou sobreposições	()	Quando não se entender parte da fala, marca-se o local com parênteses e usa-se a expressão <i>inaudível</i> ou escreve-se o que se supõe ter ouvido.	... A: /.../ por exemplo (+) a gente tava falando em desajuste, (+) EU particularmente acho tudo na vida relativo, (1.8) TUDO TUDO TUDO (++) tem um que são (+)/ tem pessoas problemáticas porque tiveram muito amor (é o caso) (incompreensível) (+) outras porque/.../
6. Truncamentos bruscos	/	Quando o falante corta a unidade pôde-se marcar o fato com uma barra. Esse sinal pode ser utilizado quando alguém é bruscamente cortado pelo interlocutor.	... L: vai tê que investi né” C: [é/ (+) agora tem uma possibilidade boa que é quando ela sentiu que ia morá lá (+) e:le o dono/ ((rápido)) ela teve conversan comi/ agora ele já disse o seguinte (+) ...
7. Ênfase ou acento forte	MAIÚSCULA	Sílaba ou palavras pronunciada com ênfase ou acento mais forte que o habitual.	Ver exemplos
8. Alongamento de vogal	::	Dependendo da duração os dois pontos podem ser repetidos.	... A: co::mo” (+) e:::u

Fonte: Marcuschi, 1986, p. 10-13.

Quadro 4 – Resumo explicativo das normas reunidas por Marcuschi – Parte C.

9. Comentários do analista	(())	Usa-se essa marcação no local da ocorrência ou imediatamente antes do segmento a que se refere.	((ri)), ((baixa o tom de voz)), ((tossindo)), ((fala nervosamente)), ((apresenta-se para falar)), ((gesticula pedindo a palavra))
10. Silabação	-----	Quando uma palavra é pronunciada sílaba por sílaba, usam-se hífens indicando a ocorrência.	
11. Sinais de entonação	” ’ ,	<i>Aspas duplas</i> para subida rápida. <i>Aspas simples</i> para subida leve (algo como um vírgula ou ponto e vírgula). <i>Aspas simples abaixo da linha</i> para descida leve ou simples.	Ver itens 1, 6 e 8.

Fonte: Marcuschi, 1986, p. 10-13.

Quadro 5 – Resumo explicativo das normas reunidas por Marcuschi – Parte D..

12. Repetições	Própria letra	Reduplicação de letra ou sílaba.	e e e ele; ca ca cada um.
13. Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção		Usam-se reproduções de sons cuja grafia é muito discutida, mas alguns estão mais ou menos claros.	eh, ah, oh. ih:::, mhm, ahã, dentre outros
14. Indicação de transição parcial ou de eliminação	... ou /.../	O uso de reticências <i>no início e no final</i> de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho. <i>Reticências entre duas barras</i> indicam um corte na produção de alguém.	Ver item 5.

Fonte: Marcuschi, 1986, p. 10-13.

Considerando os sinais idealizados por Marcuschi (1986), as entrevistas foram transcritas e estão disponibilizadas no Anexo A. Reitera-se que apenas após a transcrição das entrevistas e validação do texto pelos entrevistados, deu-se

prosseguimento à textualização e análise para se incluir no texto final desse ensaio de pesquisa.

3 EXPERIÊNCIA DOS PROFESSORES

Depois de realizadas as transcrições das três entrevistas, com Amy, Barbara e Collin², respectivamente, as mesmas foram textualizadas conforme menciona Borba (2004), eliminando os vícios de linguagem, repetições desnecessárias e elementos próprios da fala.

3.1 EXPERIÊNCIA DA PROFESSORA AMY

A professora Amy obteve o título de bacharelado em Ciência da Computação, chegou a trabalhar como analista de sistema por dois anos, mas não se adaptou. Foi então que, por sugestão de um professor, ela fez complementação pedagógica em matemática na Universidade Católica de Brasília (UCB).

Quando Amy começou a atuar como professora e a lecionar para alunos do sexto e do sétimo anos, percebeu que os mesmos tinham dificuldade em aprendizado de matemática básica, mais especificamente no conteúdo do primeiro ao quinto ano. Ao se deparar com essa situação de dificuldade dos alunos a professora resolveu fazer psicopedagogia para melhor lidar com os mesmos e então abriu uma clínica pedagógica em Brasília para ajudá-los. Além dessa pós-graduação, a professora Amy também fez um curso em Educação Especial Inclusiva.

Quando em sua designação para um cargo do ensino médio, Amy teve contato com um aluno surdo por um ano. Quando indagada sobre sua motivação para lidar com um aluno deficiente, emocionada, afirmou que *todo mundo fala de educação inclusiva, mas ninguém está preparado para tal; é tudo muito bonito na teoria, mas na prática é bem diferente*. Amy morou num prédio no qual residia também um menino com Síndrome de Down que era amigo de seus filhos; ela notou a discriminação que o

² Os nomes dos professores, assim como os nomes mencionados nas entrevistas, foram trocados, portanto são fictícios e visam proteger a identidade dos envolvidos.

menino sofria e soube que existem escolas que não aceitavam essa criança, o que a deixava indignada.

Segundo a professora, toda pessoa tem que ter acesso à escola e, quando o aluno está na escola, o professor *tem que ter capacitação para ensiná-lo*. Amy comentou que o aluno precisa *se sentir confortável* no ambiente de aprendizado. Quando a professora atendia em sua clínica, muitas mães a procuravam desesperadas porque seus filhos tinham sido rejeitados nas escolas e os mesmos não conseguiam se socializar com os outros alunos. Diante disso, Amy afirmou que *foram esses preconceitos de fora* que a fizeram *se tornar uma professora de educação especial*.

De acordo com Amy, em seu depoimento, não houve uma disciplina que cursou durante a faculdade que a tivesse preparado para ministrar aulas para deficientes. Para ela, seria interessante, por exemplo, em psicologia organizacional – disciplina cursada na faculdade – ter uma pessoa de fora que pudesse contar para os alunos como são suas vidas. Em seu primeiro e segundo grau Amy, atuais ensinos fundamental e médio, não teve contato com colegas surdos, mas ela tinha contato com sua tia que nasceu surda. Segundo Amy, o contato com deficientes fora da família só aconteceu depois de adulta, quando optou por trabalhar na área.

Em sua designação para trabalhar na escola pública no primeiro ano do ensino médio, momento em que passou a ministrar aulas para um aluno com deficiência auditiva, Amy não tinha um intérprete na sala e afirmou não possuir conhecimento da língua de sinais. Segundo Amy, a estratégia era propor *uma atividade diferente para os outros alunos* e então dar atenção para o aluno surdo. Amy citou que utilizou materiais de EVA ou madeira com cores e formatos diferentes como círculo, triângulo, quadrado e retângulo para ministrar conteúdos de geometria. Alternava a estratégia para a exploração dos números, aritmética, álgebra, e assim por diante; essa era a forma que encontrou para ensiná-lo. E esse processo, segundo a professora, era *bem lento*. Amy disse que o ritmo era como dar *dois passos para frente e dez para trás*. Para Amy, se tivesse um intérprete na sala esse processo seria muito mais rápido.

Quando Amy foi questionada sobre as dificuldades que encontrou ao ministrar aulas para aluno surdo, mencionou a falta de um intérprete, a falta de recursos didáticos (materiais) para trabalhar com esses alunos por ser uma escola estadual – disse não ser fácil encontrá-los no mercado, além de serem materiais caros e escassos os cursos oferecidos para o aperfeiçoamento do professor nessa área. Amy mencionou também que alunos com deficiência faltam demais e ela pensa que, muitas vezes, *nem a família acredita no processo de ensino desse aluno*.

3.2 EXPERIÊNCIA DA PROFESSORA BARBARA

A professora Barbara, apesar de querer cursar Engenharia Mecânica, entrou para o Curso de Matemática na universidade em 2012. Grande parte de sua família é professora, como mãe, madrinha, primas e avó, e, por considerar uma profissão difícil, no primeiro momento Barbara queria cursar o bacharelado; não considerava em hipótese alguma fazer licenciatura. Com o passar do tempo e com as matérias pedagógicas, a professora passou a gostar da licenciatura, *querendo entender mais sobre a educação nas escolas*.

Para participar de um programa da faculdade, os alunos tinham que estar matriculados em licenciatura e então Barbara se matriculou em Licenciatura. Acabou não participando do programa, mas se apaixonou pela licenciatura e concluiu o curso. Atualmente está finalizando as disciplinas do bacharelado em matemática, mas já ministra aulas em uma escola estadual.

Segundo Barbara, ela não foi avisada que teria um aluno com deficiência auditiva até se deparar com ele em sua turma de EJA, a qual atuou como professora por seis meses. Na licenciatura, desde 2005 a disciplina de LIBRAS tornou-se obrigatória, mas, embora Barbara a tenha cursado, ela não se sente apta para se comunicar bem com o aluno. Barbara mencionou que no primeiro dia de aula o intérprete atrasou e ela não soube o que fazer. Ocorreu uma vez de o intérprete faltar e então optou por *baixar um aplicativo para tentar conversar com o aluno surdo*.

A Barbara não fez nenhuma formação ou especialização para ministrar aulas para alunos com alguma deficiência, mas tem a intenção de fazer alguma pós-graduação quando tiver a oportunidade. Quando foi perguntado sobre sua motivação para lidar com esses alunos ela mencionou o fato da escola estadual ter a inclusão desses alunos em sala de aula. Segundo Barbara, como professor, *você tem que buscar algo para estar conectado com esses alunos*, pois *não adianta ministrar aulas para os outros quarenta alunos* e se esquecer desses alunos com deficiência.

Barbara, na faculdade, não teve oportunidade de cursar disciplinas ou cursos que a tivessem preparado para ministrar aulas para alunos que possuem alguma deficiência. Segundo a professora, seria interessante tratar desse assunto na graduação, já que a inclusão desses alunos nas salas de aulas faz parte da realidade das escolas estaduais.

Durante seu ensino fundamental e médio a Barbara não teve nenhum contato com colegas de sala surdos. Foi só na faculdade que ela teve contato com uma menina surda, a Joana³. Segundo Barbara, a Joana tinha sido reprovada em todas as matérias e estava fazendo todas as disciplinas com sua turma. Foi então que a própria Joana começou a ministrar aulas de LIBRAS para toda a turma na tentativa de facilitar sua comunicação com o restante da sala.

Para Barbara, os momentos com a Joana ensinando LIBRAS aconteceram durante um semestre e foi mais difícil que a disciplina de LIBRAS oferecida obrigatoriamente no rol de disciplinas do curso da faculdade. A comunicação da turma melhorou, mas foi pouca coisa, já que era muita novidade. Os momentos com a Joana ensinando a língua de sinais tinham duração de duas horas por semana e toda a turma participava.

Barbara possui pouco conhecimento sobre a língua de sinais. Afirmou que pretende se aperfeiçoar, visto que, na sua experiência, percebeu as dificuldades de não saber se comunicar completamente com o aluno, mesmo com a presença de um intérprete. Ela mencionou que durante a realização de provas o intérprete contava as respostas para o aluno e este não errava nada nas provas, sempre conseguindo a nota

³ Nome fictício.

total. Barbara afirma que se ela soubesse a língua de sinais a presença do intérprete era dispensada.

A professora considera *uma boa socialização* do aluno com deficiência auditiva *com os colegas de classe* muito importante para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem do mesmo. Barbara sugere, inclusive, que realizar uma atividade diferente onde *ele que vai monitorar a sala*, pelo menos uma vez, *seria algo legal*. Segundo Barbara, o fato de ser ter um aluno surdo em uma turma com alunos que não sabem se comunicar com ele acaba sendo uma exclusão; *a única pessoa que ele tem para conversar dentro da sala de aula é o intérprete*.

Em relação ao ensino do conteúdo de matemática para o aluno surdo, a princípio, a Barbara se sentiu bastante assustada e um pouco nervosa, porque no começo, por vezes, *o intérprete levantava para explicar algo que ela estava explicando no quadro*. O *intérprete pedia para ela estar sempre apontando para o quadro* e mostrando o que estava explicando; e, por ela não estar acostumada, acontecia dele precisar levantar e apontar para o quadro. No entanto, aos poucos a professora foi se adaptando e, quando o aluno tinha dúvidas, o intérprete chamava pela professora e ela *tinha que explicar para o intérprete para o intérprete explicar para ele*. Além disso, Barbara afirma que só saía de perto dele quando a dúvida era sanada.

Segundo a professora, a presença do intérprete ajuda muito, mas se ela tivesse a formação em LIBRAS para além da disciplina cursada na faculdade, seria melhor, visto que, sem o conhecimento de LIBRAS, ela *não sabe o que ele está explicando de matemática* para o seu aluno. Desse modo, a maior dificuldade encontrada pela professora durante esse período foi a comunicação, pois *se sentia incomodada de não conseguir comunicar com ele*.

3.3 EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR COLLIN

O professor Collin terminou a graduação em Licenciatura em Matemática em 2003 e especializou-se em Estatística. Ele ministra aulas em turmas com alunos surdos na modalidade EJA há uns cinco anos, apesar de não saber nada da língua de sinais. Exatamente por essa razão, ele considera *bem complicado* o ensino para esses alunos. Ele mencionou na entrevista que, por vezes, *precisa escrever a pergunta no caderno ou no quadro* e, dessa forma, tenta se comunicar com os alunos com deficiência auditiva.

Na sua primeira experiência com aluno surdo, Collin se *deparou com uma situação que não imaginava que ia passar*, visto que durante a faculdade não teve nenhuma disciplina específica para lidar com essa situação. Ele falou que, por sorte nessa primeira experiência já contava com o intérprete, então já *foi se acostumando* a ministrar essas aulas, principalmente a *falar olhando mais diretamente para eles, por muitos saberem leitura labial*.

Collin lida com os alunos surdos da mesma forma que lida com os outros alunos; ele *não vê diferença*. Segundo ele, os alunos com deficiência auditiva que ele teve são *bons alunos e gostam de matemática*, o que facilita seu trabalho, além de ter o intérprete. Mesmo assim, ele considera que seria importante discutir esse assunto durante a graduação, visto que nas disciplinas pedagógicas cursadas durante seu período na faculdade, o ensino *foi muito superficial e muito básico*. Por isso, Collin diz que *não pode afirmar que foi preparado para lidar com essas situações*. Além disso, o professor reitera que seria ideal, nas disciplinas de estágio, *ter uma parte obrigatória para se trabalhar com alunos deficientes*, uma vez que durante sua graduação ele não teve essa experiência.

No seu período de ensino fundamental e médio, Collin afirma que não se recorda de ter tido contato com colegas surdos por não haver na época essa inclusão nas salas, visto que antigamente, *isso era mais discriminizado*. Já na faculdade Collin teve um colega surdo, o Marcos⁴, mas também não tinha muito contato por não saber LIBRAS. Collin se recorda que haviam duas alunas da sala que eram muito próximas a Marcos, e

⁴ Nome fictício.

depois que terminaram a graduação essas alunas se especializaram nessa área – educação especial.

Conforme mencionado, o professor Collin não tem conhecimento da língua de sinais, mas *gostaria muito* de aprender. Ele considera muito importante o professor ter esse conhecimento para facilitar o processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência auditiva, pois independente da presença do intérprete em sala, Collin afirma que se o professor tiver o conhecimento da língua, esse processo seria mais interessante, uma vez que o professor *interage diretamente com o aluno*.

A relação de Collin com os alunos é muito próxima, ele tem *um carinho por esses alunos*. Ele se admirava em ver esses alunos interessados pela matéria – por gostarem de matemática – mesmo tendo um professor que *não tem habilidade para dialogar com eles diretamente*. Para ele, a presença de um intérprete ajuda muito e esses profissionais *acabam aprendendo um pouco de matemática* mesmo que não tenham formação na área. Segundo Collin, *dificultaria muito seu trabalho* se não tivesse intérpretes na sala.

Por fim, a principal dificuldade encontrada por Collin durante essa experiência foi a falta de habilidade de se comunicar com os alunos surdos. O professor já ministra aulas para turmas que tem alunos surdos há uns cinco ou seis anos e disse que já chegou a ter um semestre com quatro turmas nas quais cada uma tinha pelo menos um aluno com a deficiência. Apesar de Collin ter bastante experiência, ele afirma que se soubesse a língua de sinais essa *experiência seria mais prazerosa* pois, tanto para os alunos como para os professores, *essa socialização é importante e muda muito nossa concepção*.

4 PERCEPÇÕES SOBRE O ESTUDO

Atentando para a questão norteadora, identificaram-se as dificuldades encontradas pelos professores no contato com alunos surdos e os caminhos apontados para minimizar os entraves. Percebeu-se que questões de linguagem e comunicação são as possíveis geradoras de dificuldades para o ensino e aprendizado de alunos com deficiência auditiva. Além da comunicação, os depoimentos dos professores de

matemática apontaram que a relação de alunos surdos com alunos ouvintes e a relação do professor com esses alunos surdos são fatores importantes e merecedores de cuidados no processo de ensino e aprendizagem.

Nenhum dos três professores entrevistados possuía formação específica para ministrar aulas para alunos surdos, questão essa que consideraram relevantes em sua experiência com os mesmos. Segundo os professores, para lecionar em escolas inclusivas seria necessário maior conhecimento da língua de sinais. O despreparo enfrentado por esses profissionais de ensino em relação à linguagem adequada torna o processo de ensino ainda mais demorado.

Conforme o artigo terceiro do Decreto 5.626 (BRASIL, 2005), “A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior”. E mesmo sendo essa disciplina obrigatória, no Ensino Superior, em cursos de magistério e licenciatura, em geral, não se ensina os alunos a trabalharem com alunos surdos, o que torna o desafio mais complexo diante de uma realidade de inclusão desses alunos no ensino regular.

Pode-se perceber que nas experiências dos professores – dentre as dificuldades mencionadas ao ministrar aulas para alunos surdos, os mesmos apontam questões como a maior gesticulação ao se ensinar. Essa recomendação parece ser algo simples de ser atendida pelo professor, além de ser totalmente relevante para o processo de ensino e aprendizagem quando o discente é um aluno surdo. Mesmo assim, os entrevistados não se sentiam preparados, mas encontravam subterfúgios para minimizar a angústia de seu suposto despreparo. Além disso, outra contribuição importante que os professores mencionaram para aprimorar o processo de ensino em sala de aula, trata de se atentar para o movimento dos lábios quando o professor fala e se voltar diretamente para os alunos surdos, visto que muitos possuem habilidades de leitura labial.

Além da falta de conhecimento de LIBRAS, foi também mencionada a falta de material didático como um entrave para o ensino, visto que os mesmos são caros e, no entanto, totalmente relevantes para o ensino de alunos surdos, já que a principal forma

de aprendizado de alunos com deficiência auditiva é a modalidade visual. Esses materiais também contribuiriam para o aprendizado de alunos ouvintes, mas, eventualmente, as próprias escolas não os disponibilizam e o professor, por vezes, não possui recursos para adquiri-los. A confecção de materiais com EVA – ou outro recurso acessível no mercado – foi mencionado como subterfúgio para minimizar as dificuldades encontradas quando se trabalha com geometria ou até outro conteúdo que possa ser facilitada a compreensão pelo uso de materiais concretos.

A presença do intérprete foi considerada pelos professores como de grande ajuda e facilitação da comunicação, mesmo que esse não tenha formação em matemática e, conseqüentemente, do conteúdo explorado pelo professor. Apesar disso, esse auxílio ainda deixa lacunas na interação professor-aluno, pois quando o professor desconhece LIBRAS, não se tem garantia de que a comunicação entre o intérprete o aluno coaduna com as ideias expressadas pelo professor. Ressaltou-se que mesmo com intérprete em sala, o professor deve atentar-se para apontar, gesticular e se fazer presente na mediação entre professor-conteúdo e intérprete. Apesar do esforço por parte dos professores em se adequar à realidade do aluno, ainda há os colegas ouvintes que possivelmente também não estão preparados para lidar com o aluno por não conhecerem a língua de sinais. Toda essa conjuntura reflete, de certa forma, um o caráter excludente da inclusão, o que majora as discrepâncias no aprendizado quando não se atenta para a formação do professor para lidar com as especificidades desse contexto, aventando, nas reflexões durante a formação docente, detalhes importantes do contexto de sala de aula no movimento de inclusão atual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo não pretende descartar a legitimidade da inclusão de alunos surdos em salas de ensino regular, mas, ao contrário, evidenciar a necessidade de preparo dos professores, especificamente de matemática, para lidar com esses alunos de forma adequada. Percebeu-se que os três professores entrevistados experimentaram ministrar aulas para alunos surdos sem o preparo ideal para tal e todos enfatizaram que esse preparo se apresenta como essencial.

A divulgação do estudo espera contribuir com professores formadores e futuros professores no entendimento e percepção de dificuldades e caminhos possíveis no ambiente educacional do aluno surdo no processo de aprendizagem de matemática. Dessa forma, ao se notar as lacunas e entraves encontrados nesse contexto, espera-se que esse estudo inspire pesquisadores a eleger temas voltados para a formação e capacitação de professores e futuros profissionais da área. Além disso, por meio de resultados de pesquisas com este assunto, talvez seja possível uma melhor compreensão das estratégias de ação que facilitem o processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo no sentido de favorecer a inclusão do mesmo no espaço escolar regular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, M. DE C. Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

EDUCAÇÃO. BOYER, H. O. A Educação Inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação. Edição: 2003, nº 22. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2003/02/a3.htm>>. Acesso em junho de 2018.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Língua Brasileira de Sinais - Libras, Brasília, DF, mar 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 13 jun. 2018.

CAPELLE, M. C. A. BORGES, C. L. P. MIRANDA, A. R. A. Um Exemplo do Uso da História Oral como Técnica Complementar de Pesquisa em Administração. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. SANTA CATARINA, 2010. Anais... Florianópolis: ANPAD, 2010.

DIAS, V. L.; SILVA, V. A.; BRAUN, P. A inclusão do aluno com deficiência auditiva na classe regular: reflexões sobre a prática pedagógica. In: GLAT, Rosana (Org.). Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. cap. 6, p. 97-115. (Questões atuais em educação especial, v. 6).

FERREIRA, M. M. História, Tempo Presente e História Oral. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, pp. 314-332, dezembro de 2002.

LOPES, M. C.; MENEZES, E. C. P. Inclusão de alunos surdos na escola regular. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1601/1484>>. Acesso em junho de 2018.

MANZINI, E. J. Considerações Sobre a Transcrição de Entrevistas. Disponível em: http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista. Acesso em: maio de 2018.

MARCUSCHI, L. A. Análise da conversação. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MIRANDA, C. J. A.; DE MIRANDA T. L. O Ensino de Matemática para Alunos Surdos: Quais os Desafios que o Professor Enfrenta? *Revemat: Revista Eletrônica de Educação Matemática*. Florianópolis, v. 06, n. 1, p.31-46, 2011.

ANEXO A – ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Realizada em 30 de abril de 2018 às 09 horas e 11 minutos.

Duração do áudio: 18 minutos e 48 segundos.

Entrevistador: autor (E)

Entrevistado: professor Amy (A)

E: ta gravando já, então oh (++) a primeira pergunta eu quero que você me fala, eu já sei né essa resposta só que eu tenho que colocar no áudio pa (+) escrever depois, (+) que cê me fala:’ um pouco sobre a sua formação (+) se cê fez licenciatura em matemática ou em algum outro curso.

A: ta, eu comecei com Ciência da Computação em Bacharelado, (+) daí: eu trabalhei como analista de sistema 2 a:nos, não me adaptei, aí:: (+) quando eu estava fazendo:/ quando eu conversei com um professor’ (+) ele falou que eu poderia fa/ eh:: que eu poderia dar aula’ se eu fizesse uma complementação pedagógica (+) aí eu procurei, ã:n, u um lugar que podia fazer isso era na universidade (2,0) da católica, agora esqueci, é UCB Universidade Católica de Brasília (2,0) aí: conversei com a orientadora, expliquei o motivo (+) aí ela falou que eu: poderia fazer’ ou em matemática ou em física (++) que era u:m/ pela carga horária que eu ti/ teria que ter acho que era mínima de 180, então eu tinha aqui em física e matemática (+) aí eu fiz a complementação pedagógica durante um ano (+) aí depois disso (2,0) entrei em sala de aula, vi que muitos alunos tinham dificuldade em aprendizagem matemática, mas não dos anos que eu dava, que era no sexto ano, sétimo ano (+) a dificuldade deles era be::m anterior (+) então eu percebi que na:: lá’’ no, primeiro (++) ao: (+) quinto ano que era a dificuldade deles (a básica) aí eu’’ tentei fa/ aí eu’’ fiz psicopedagogia (++) aí foi alí que eu aprendi co::mo lida::r com a situação quando o aluno tem dificuldade (+) que eu poderia fazer’ pra esse aluno, aí: (+) depois saí de sala de aula (+) montei uma clínica lá em Brasília, só trabalhava com esse tipo de aluno com dificuldade (3,5)

E: e cê fez graduação/

A: [precisa coloca:r que eu/ depois daqui ou não? (++)

E: o que?

A: quando e parei aqui na escola (+)

E: não (+) é só a outra pergunta, ce fez graduação em matemática

A: [a formação né’ (+) eh eu fiz em ciência da computação:o (+) que tinha bastante, a gente via até cálculo quatro (++) e depois (+) eh aí eu (2,0) entrei na UFU’ (2,0) e aí eu vi o restante (2,0)

E: beleza (2,0) agora:: (++) como se deu a sua atuação (++) como professor com alunos surdos? (2,0)

A: então (+) eu participei (++) da: designação aqui do Novo Horizonte (+) não, (+) Novo Horizonte não, João Resende' que é ensino médio (2,5) e:: só que os alunos com deficiência (++) eles (+) ele::s estudam aqui (++) então a gente era designado em João Resende (incompreensível) (++) e na sala de aula, depois quando a gente pega o::: (+) o:: a fi/ a pasta de cada aluno tem os laudos médicos (++) e um dos alunos que eu tive no primeiro F era surdo (2,0) e mudo, (2,5)

E: uma vez eu escutei de uma professora de (++) de LIBRAS que não existe aluno mudo (++) ela fi/ ela brava se fala(r) que é aluno surdo e mudo

A: nah e tem que falar o que?'' que ele é só surdo?'

E: é, que ele é só surdo, porque mudo é:: (+)

A: [então ta] é uma consequência da surdez?

E: [é, mas isso é o que ela fala né'' ela (++) é a opinião dela que (+) mudo é quem não consegue se comunicar, e surdo consegue (++) através de LIBRAS o:u através de: (+) gesto, apontando (+)

A: ah: e:u (+) meio que: discordo né, depende

E: [é:

A: do:: de como é que o aluno fo::i (+) a pessoa foi: (++) orientada a se desenvolver né/

E: [é, mas é::: é de boa (++) ta'' (++) eh::: cê fez alguma capacitação ou especialização pra: ministrar aula para aluno com deficiência?

A: sim (2,0) eu fiz pós graduação em aluno especial (+) educação'' especial (2,0) educação especial inclusiva

E: então me fala um pouco da sua (++) motivação pra lidar com esse ensino (+) pra aluno deficiente (++)

A: ah::: eu vou começar a chorar aqui (4,0) ((respira fundo)) a nossa sociedade é bastante hipócrita (++) né, todo mundo fala de educação inclusiva (++) mas ninguém tá preparado para tal (2,00) é tudo muito bonito na teoria, mas na prática é be:m be:m bem diferente (3,0) quando a gente tem um alu:no, ou uma pessoa (++) comum ou portador de deficiência (+) eu morei num prédio (+) e que tinha um menino com síndrome de down (4,0) eu vi diversos pais tirando os alunos do elevador quando esse menininho entrava (++) então aquilo d'alí me matava, e eu fazia justamente o contrário (+) e:u colocava os meus filhos (2,0) para ter uma convivência diferente com eles, com ELE (++) e::: (2,0) os pais (+) uma graça, todos 2, a família em si, os avô::s, paternos, maternos, (+) são (+) su:per legais com o menino, e e:: ne:ssa::, e nessa::, e nesse convívio que deu permitiu que eu conhecesse a família dele toda (2,0) o pai buscav/

levava os MEUS filhos com o filho dele (+) pra::: aquele parque' que fica no Center Shopping (++) e os três se divertiam muito (2,0) ELE ia lá pra casa, ele jantava, ele lanchava, (+) ele sabia que a gente tinha um carinho muito especial (++) quando' (+) ele tinha que passar lá em casa antes chegar na casa dele, a gente era vizinho de porta (++) e:: (2,0) e nisso eu falava gente (2,5) e e ele tava sendo:: alfabetizado, (+) tava né, (+) no processo (++) e:: sofreu bastante rejeição nas escolas, tinha escolas que não aceitavam ele, e aquilo dali me indi/ me indignava, porque além, (+) a::ntes da deficiência que ele tem e não ser humano, eu acho que toda pessoa tem que ter o acesso à escola (+) e quando ele tá na escola o professor sim é/ TEM que ter a capacid/ (+) tação' de poder ensiná-lo, (++) mesmo que o aprendiza(jo)/ aprendizagem demora (+) mesmo que monte de coisa, mas ele precisa se sentir confortável:vel que tá numa escola para aprender (++) e foi a/ nesse aspecto sempre e quando eu montei minha clínica muita gente com deficiência me procurava, mu:ita mãe (+) desesperada, triste porque o filho era rejeitado nas escolas, porque o filho não conseguia (++) social/ socializar com os outros alunos pela (++) pelo preconceito dos pais, porque se você pegar a criança a criança não tem (++) o preconceito vem sim da família, isso eu acredito (++) porque:: se VOCÊ falar pro seu filho, olha, (+) não ande com aquele menino, porque aquele menino ali el/ é diferente de você (++) eu tenho CERTEZA que o menino não anda, mas se você falar, olha, (+) a::nda porque ele é igual, ele só tem um certo (+) limi:te, (+) mas ele antes de tudo é uma pessoa que precisa de carinho' como você, que precisa de atenção' como você, (+) a situação muda, porque a criança é pura (++) e esses preconceitos de fora me fizeram que e::u me tornasse uma professora de educação especial (3,0) eu não posso cho rar

E: [(incompreensível) (2,0) eh::/

A: [mas to respondendo ou to fugindo?

E: TÁ::, cê tá respondendo tudo, uai

A: ah (++)

E: eh:: (+) cê cursou alguma disciplina ou curso que:, na sua opinião, te preparou para ministrar (++) aulas com esses alunos deficientes?

A: na minha época de a/ de estudante? no ensino médio

E: [é

A: lá no colégio?

E: é

A: ((respira fundo) pois é (2,0)

E: ou na sua época do colégio ou na sua época de faculdade

A: não'' (2,0) eu sempre estudei (++) eh:: em colégios tradicionais lá em Brasília (2,0) do maternal à 8ª série' não era nono ano no caso (2,0) eh: ainda não tava (+) no no no

era séria ainda, (++) ãn:: (4,0) era uma escola tradicional, uma escola de freira (+) e você pe:nsa (++) né

E: mhm (2,0)

A: então se não tive:sse:: (+) os re/ os PRÉ-requisitos que eles (+) mesmo que administravam aquilo ali, (++) então o aluno não entrava (2,0) imagina, se ho:je tem preconceito, imagina aquela época, mil novecentos e oite::nta, nove:nta, (+) era bem difícil ne (4,0) E ((respira fundo) (3,0) na faculdade, na universidade me:nos ainda' (2,0) era bem difere:nte ãn (5,0) eu acho que, o máximo que você conseguia ver' (++) era quem tinha alguma deficiência FÍSICA ne nã::

E: [mhm

A: no máximo cadeira de rodas, mas nunca vi, nunca estudei com uma pessoa com síndrome de down' eu nunca estudei com uma pessoa altista' (+) eu nunca estudei com nada' disso eram pessoas que vinha de pessoas tradicionais

E: e cê acha que seria:: interessante esse tipo de:: (+) de discussão ne nesse assunto durante o curso durante::/

A: ah sim, eu acho (2,0) a gente tem tanta matéria, por exemplo, lá em psicologia que eu fiz psicologia organ/ organizacional e: (2,0) comportamental (+) tinha que ter sim' uma pessoa (2,0) sei lá'' de fo:ra que pudesse falar pra gente como que é a vida dela (++) que quando você tá' na faculdade ou você tá no ensino médio, principalmente ensino fundamental até, que tem aquele lance dos alunos dormirem em casa de alguém (++)

E: mhm

A: seria interessante eu ter conhecido uma pessoa pra saber como é que con/ ter um amigo' com síndrome de down, um amigo autista pra ver como é que funciona aquilo dali, eu fui ter acesso a i:sso depois de adulto' depois que e:u opte::i (+) em trabalhar (++) e antes'' não, (+) mas (+) não eh eh eh, mas os MEUS filhos estudaram (+) lá quando a gente morou em Roraima' não sei porque, mas tinham muitas pessoas com síndrome de down (2,5) só no colégio deles, (+) só no colégio deles tinham dois na sala (2,0) com síndrome de down (++) e e:u (2,0) sempre batalhei lá em casa, sempre falei oh, são pessoas iguais a nós só que tem algumas limitações,

E: mhm

A: mas eu mesmo'' não (+) e sinto falta, lógico

E: beleza (2,0) tá (+) durante o se::u: (+) ensino fundamental e ensino médio cê teve contato com aluno surdo dentro da sala?'

A: não

E: hm (+) faculdade também não

A: não (3,0) só que eu tinha de família né (++) eu tinha uma tia surda e muda, ah não sei se eu posso usar 'muda' aí

[
E: po::de, pode falar

A: ela é surda e muda (2,0) ãn:: (+) mas assim (2,5) isso a minha tia na época, gente, tinha/

E: tá gravando, (pode ir)

A: tá?

E: tá

A: ah::: (2,5) porque eu nasci ne, minha minha tia era mais velha, minha mais velha (2,0) e ela é surda e muda, (+) então: e ela morava no Rio (+) e eu morava em Brasília, então não tinha muito contato' mas (+) a minha mãe sempre converso:u, a sua tia ela não escuta, mas é uma pessoa inteligente, a letra dela era super boni:ta (++) a minha vó fazia questão de:: alfabetizá-la, imagina isso (+) nem sei quando minha tia nasceu, (2,0) deve ter sido lá nos seus 1940, (++) e:: é é diferente ne, não sei (++) e::: então'' nunca tive preconceito com uma pessoa não soubesse (+) que não fala:va, ou não escuta:va (+) ou se fosse ce/ não'' nunca tive preconceito (++) então eh, não sei se era pelo fato' de ter uma pessoa (+) ne (++) com deficiência em, na s/ na na na família, ser diferente que: (+) que tinha que ter esse preconceito

E: entendi (2,0) TA (2,0) eh::: ce te:m conhecimento da língua de sinais?

A: ah: bem pouco

E: ce pretende aprender?

A: sim

E: beleza (++) e agora ce me fala (+) o que que cê considera interessante (+) pra auxiliar no processo de ensino e aprendizagem (+) quando se tem aluno surdo na sala?

A: então, quando eu dava aula pra esse aluno lá do primeiro F (2,0) eh:: (+) ele era super comunicativo, sorridente (2,0) tudo ele comentava, (+) que acontecia com ele (++) então as vezes ele ch/ chegava triste porque tinha machucado o o joelho então primeiro ele tinha que falar tudo que aconteceu' (++) e a minha sorte que eu tinha dois horários seguidos, então s/ (2,0) para eu poder chegar nele, eu precisava (+) entender o que ele queria falar (2,5) passava uma atividade diferente pros outros alunos e com ele eu tinha um contato mais direto

E: mhm

A: então eu levei muito aqueles materiais concretos (++) porque daí a gente falava (++) eh: falava ne, a gente se comunicava do jeito que eu que eu podia, que eu conseguia transmitir alguma coisa para ele

E: mhm

A: então tinha uns materiais em EVA (2,0) que os (+) círculo, triângulo, quadrado e o retângulo eles tinham diferentes cores, né um, um assunto que eu abordei (2,0) e::: no outro (2,0) eram outras cores, mas os me:smo:s símbolos, assim né, as mesmas figuras (2,0) e daí eu falava assim, botava pra ele, (+) preciso ((sinal toca)) que você coloque aqui (2,5) aí ele colocava (+) ele conseguia' encaixar as figuras de acordo com o:: com o formato dela (2,0) e:: e cada dia era um processo, aí isso eu levava isso (++) no outro e levava os números estão sempre no formato sempre trabalhei ele com bastante materiais concretos em EVA ou madeira, (porque era) a maneira que eu tinha pra: tentar' entender que era o número UM (+) que era aquele lá né, o símbolo, DOIS até o dez' a gente até trabalhou, e as figuras, mas isso assim, eu falando parece que em dois dias eu dava, NÃO (++) era u:ma coisa meio: (+) um passo pra frente e três pra trás (+) aí o:: DOIS pra frente e DEZ pra trás, então foi assim, (+) um processo be::m be::m (2,0)

E: entendi

A: devagar, (+) bem len to até'

E: [nossa que massa que legal

A: [é

E: e aí:: a pergunta é (2,0) como se dava essa relação sua (+) professora co::m (++) o conteúdo matemático desse aluno surdo? acho que você acabou de responder essa pergunta (+)

A: meu problema é que eu falo demais né

E: ãn?

A: eu falo demais

E: não' (+) é bom, (+) quanto mais falar é: (+) mais informação pra eu colocar (++) ta, (+) agora uma pergunta (2,0) que:: eu não sei a resposta de:/ definitivamente (++) a presença de um intérprete em sala ajuda mesmo que ele não tenha: (+) formação em matemática? (3,0) que que cê acha? (2,0)

A: apesar que eu não tenho, (2,0) eu acho que de algum modo facilit/ facilitaria a comunicação (2,5) tipo:: (5,0) que de repente esses dois passos pa (+) frente eu dava dez pra trás, (++) de repente se el/ se tivesse um interprete ali' me ajudaria na' comunicação

E: cê não teve interprete então? na sala então

A: [não era eu e o aluno

E: [ce se virou?

A: foi, (+) e:: de repente se tivesse (++) eu acho que teria sido, mu::ito mais rápido' o processo de ensino-aprendizagem, (2,0) eu acho que sim, eu acho que igual tem lá na UFU'' (+) quand/ (+) cê pegou? (+) tinham dois alunos ou um aluno

E: [mhm

A: que tinha: (2,0) deficiência auditiva eu acho?

E: eu peguei, eu estudei com uma aluna que era surda na sala

A: [então''

E: fiz GA' ((geometria analítica)) com ela

A: então, (+) é essa mesma' e e:u acho que o:: aprendizado dela era, e ela era muito inteligente'' (+) eu acho que o outro não era tanto, mas ela era (++) era muito esperta, então o intérprete ficava do lado dela (+) ne ficava assim no cantinho, ela fazia:: (2,0) os sinais e ela conseguia pegar, eu acho que sim, eu acho que já (incompreensível), mesmo não sabendo nada de matemática só:: (+) pelo fato de ta (2,0) traduzindo pra ele o que a gente ta falando

E: [melhorar a comunicação né

A: nó

E: beleza (++) agora as duas ultimas perguntas (2,0) como você elencaria as dificuldades que encontrou ao ter um aluno em sala? (3,5)

A: como o quê? Voc/

E: como você elencaria

A: que que é elencaria?

E: como que você colocaria as dificuldades

A: hm (2,0) a falta de um interprete' eu acho que teria:: (3,0) como é u::m (2,0) como é u:m uma escola estadual (++) você não tem recursos pra trabalhar com o aluno, então você tem que se virar com material (2,0) não é fácil encontrar material no mercado, (+) pra esse ti/ pra esse tipo de:: ensino (3,5) esses cursos são pa:gos, as vezes são ca:ros e a:/ (++) pelo salário que a gente ganha, as vezes não dá pra você se aperfeiçoar tanto (5,0) eu acho também que as vezes o aluno com isso daí, com essa deficiência ele falta demais, (++) acho que nem a família (++) conse/ eh e:m (2,0) eu acho que nem a família acredita no processo de ensino desse aluno, sabe? meio que (+) ah, se (+) tem essa deficiência não vai aprender, nã::o, ele tem uma deficiência, mas isso nada impede de ele aprender, (++) né (++) então eu acho que são as maiores dificuldades que se tem (2,5) você não acha não?''

E: A::CHO (2,5) mas agora eu sou só: o entrevistador, (+) sei de nada (++) eh::: e a última, que é a: mais de boa, é: por quanto tempo você teve essa experiência de ter aluno surdo em sala?

A: Um ano, (++) foi o ano de dois mil e: de-ze-sseis, (+) foi o primeiro ano que eu entrei aqui na escola

E: e ele foi seu (+) primeiro, único (++) contato?

A: fo::i, foi o primeiro aluno (+) surdo que eu tive (+) na escola, (++) os outros por mais deficiência que tem, não são surdos (2,0), foi o primeiro

E: aí oh (incompreensível)

A: oh

E: acabou

A: essa daí que era a sua::/ ((fim da gravação))

ENTREVISTA 2

Realizada em 03 de maio de 2018 às 10 horas e 45 minutos.

Duração do áudio: 19 minutos e 43 segundos.

Entrevistador: autor (E)

Entrevistado: professora Barbara (B)

E: bom dia, ((entrevistador ri))

[
B: bom dia

E: não vai tá no áudio não, eh:: eu quero que cê me conta um pouco sobre sua formação (2,0) cê quer deixar esse áudio aqui? (3,5) aí me conta um pouco (da) sua formação

B: eu entrei: (+) na:: Universidade em dois mil e doze (+) em Matemática, na verdade eu nem queria Matemática, eu queria Engenharia mecânica, (++) lutava por isso, (++) mas no final não deu certo na engenharia e:: acabei se/ a minh/ a out/ segunda opção era Matemática, acabei ingressando em Matemática em dois mil e doze um (2,0) eh:: (2,0) entrei' (+) focada no bacharelado, porque a minha família:: toda é professora praticamente, mãe, madrinha, primas (++) , minha avó era (++) ãn era professora, (+) e a gente vem vend/' fui vendo assim ao crescer da minha vida ne que:: (+) é uma profissão difícil (++) e a licenciatura voltada pra:: esse ensino né (+) que eu vejo que é: uma parte difícil (++) e: então eu entrei muito focada no bacharelado, eu falei nossa, nu:nca que eu faço licenciatura, isso não é pra mim ((falou rindo)) e: no decorrer dos anos:: (++) eh:: com as matérias pedagógicas eu meio que fui (+) gostando da licenciatura, queria entender mais sobre (+) a educação nas escolas (+) e o/ porventura o que ve:i(o) (+) me acrescentar mesmo (++) a parte que eu (2,0) concretizava a n/ a licenciatura, (+) fo:i o PLI que eu fiz a inscrição né, cê tinha que formar em licenciatura (++) e fiz a inscrição, e na primeira vez que a gente se inscreveu não deu certo (++) o edital foi: (+) negado né, não tinha como mandar as pessoas pra Portugal (++) e:: (++) e depois (++) a gent/ no outro ano' teve a nova inscrição, a gente fez novo inscrição, mandou o edital pra ser aceito pelo governo, foi aceito'' (++) ((falou rindo)) só fiquei, eu já tinha OITENTA por cento do curso concluído, (+) eu não pude ir mais

E: ce tá zuando

B: não ((falou rindo))

E: então são/ o que te fez fazer licenciatura, uma' das partes foi PLI?

B: foi o PLI que concretizou

[
E: cê queria ir pra Portugal?

B: qui aí eu queria fazer o intercâmbio (2,0) e aí eu falei, nó:: ago:ra eu vou fazer licenciatura

E: eu não sabia não, que se cê já tiver oitenta por cento do curso cê não pode ir mais não?

B: cê não pode ir mais, cê tem que ter oit/ e assim, não adiantava na/ cê não pode trancar o curso, tem que permanecer com vínculo na Faculdade (+) que: a ideia era tanto dia que nós queria trancar o curso'' ((falou rindo)) e:: (2,0) qualquer matéria que eu pegasse passava dos oitenta por cento, então não tinha, não tinha maneira' de eu ir, não tinha como, quando foi aceito

E: pode crer, (++) nossa que doido, (++) gostei (+) da sua história

B: e aí tinha chegado até fazer algumas matérias do bacharelado (++) lá do quinto período né, (++) acabei reprovando nelas, mas (+) to aqui’’ fazendo de novo (2,0) e::: apaixonei pela licenc/ licenciatura, terminei, (+) gostei muito do que fiz (2,0) e agora to aí lutando no bacharel só pra passar o tempo mesmo

E: ((entrevistador riu))

B: tem nada pra fazer em casa ((falou rindo))

E: (imcompreensível) ((falou rindo)) mas cê trabalha com isso já né?

B: trabalho, (+) eu ministro aula na escola estadual

E: “ministra”, cê foi aluna da Maria Tereza (imcompreensível)

B: se sa/ se eu fal/ se ela escutar isso aqui ela falar que eu DOU aula, ela me mata

E: é verdade, (2,0) eh::: eu quero saber (+) como se deu a sua atuação como professora de alunos surdos?

B: então: ((deu uma pequena risda)) (2,0) as disciplina que a gente faz aqui é aula de LIBRAS né

E: aham

B: que: é obrigatório na licenciatura, (++) mas se você me perguntar assim, “cê sabe (++) LIBRAS?” (++) falar O::I, tudo bem (+) não: sei (++) eh:: uma (+) não tive uma formação pra te/ (+) pra:: (++) concluir essas aulas de (++) pra ministrar aula pra surdos, então assim, (+) lá na escola estadual tem o intérprete, né, (+) então: (3,0) a (++) fo:i ele que deu aula pra ele’, eu falava ele repetia o que eu tava falando

E: ocê: (+) cê sabia que cê ia dar aula pra surdo ou não?

B: não (++) foi uma surpresa

E: [chegou lá na escola e tinha, (+) um aluno na sala

B: [e tinha um aluno na sala, (++) eles não me avisaram e nem nada, e tipo’’ (+) o intérprete no primeiro dia ainda chegou SU:PER atrasado, eu fiquei, meu Deus o que que eu vou fazer com esse menino ((deu uma risada))

E: [((deu uma risada)) ah:: (+) entendi

B: e teve um dia que ele faltou, então foi muito louco, (+) porque eu tive que pegar o celular, baixar um aplicativo (2,0) pra tentar conversar com ele (++) e tem aqueles aplicativo ne

E: [sei

B: que cê digita o que cê quer, (++) e cê começa:: e: el/ mo:stra os sinais que cê tem que fazer

E: foi o HandTalk?

B: sim, foi

E: e:u uso ele, (+) é legal (2,0) tá, eh:: cê fez alguma capacitação ou especialização' pra ministrar aula pra alu/ pra alunos com alguma deficiência?

B: não, ai:nda não, tenho intenção de fazer, ma:s (+) ainda não tive essa oportunidade

E: tá, (+) quero que cê me conta um pouco sobre:: sua motivação pra lidar com alunos (++) que têm alguma deficiência

B: Eu acho que: justamente isso, na escola estadual cê te:m (++) tem a parte da inclusão né (+) de alunos com deficiência, esse ano' eu tô trabalhando com duas alunas numa mesma turma, (+) apesar de não ser deficientes auditivos, mas tem o laudo de deficiente/ (cia) (++) mental (++) e::: (3,0) você sendo uma professora que (++) que trabalha (2,0) com (+) na parte estadual né que TEM essa inclusão, (++) cê tem que buscar algo pra você estar conectado com esses alunos, (+) porque não adianta cê ir lá e dar aula pros outros quarenta, (+) e deixar eles (++) à maré, né (++) eu acredito nisso, (+) então eu vou buscar sim uma:: formação melhor pra isso (2,5) acho que essa seria minha motivação, como eu vejo esses dois alunos, como eu vejo meu aluno ano passado (++) era muito:: (+) é muito pesado não conseguir comunicar com eles, é muito triste, (+) cê quer, VOCÊ como professor (++) você que::r (+) tá ali ajudando eles também, não deixando eles de fora, porque num acaba sendo uma inclusão', acaba sendo uma exclusão, porque o professor não sabe comunicar com ele (2,0)

E: nossa (incompreensível) (++) pode crer (++) ta chegando na metade já (2,0) cê cursou alguma disciplina ou curso que, na sua opinião, te preparou (++) pra ministrar aulas com alunos com deficientes? (2,5) cê fez alguma coisa aqui:: (+) que te preparou pra dar (+) de cara com eles lá depois?

B: não (++) infelizmente não ((falou rindo)) (incompreensível)

E: [e cê acha que seri/(a) (+) então, interessante discutir isso na (+) na faculdade (+) ou (+) na graduação

B: SIM (+) parece que até agora (++) tá tendo um conselho né, pra mudar a grade curricular (++) tanto da licenciatura quanto do bacharelado, (+) sei porque a Joana faz parte ((deu risada)) e ela fica me contando, (2,0) ma:s eu acho que seria bastante interessante porque:: (++) é uma coisa que tá na realidade que nem eu to falando' (++) se eu falar (+) ah cê vai trabalhar só co:m uma escola onde tem alunos especiais? NÃO (++) hoje o Estado (2,0) TEM isso né (++) tem a parte de inclusão de alunos (++) então:: (+) se cê for pegar, de repente cê chega lá na sala e SURPRESA, ((falou rindo)) (+) tem um aluno lá que (++) é deficiente, então eu acho isso muito importante, que (+) acrescente sim, (++) tem u:m (++) um consenso de acrescentar isso nu::m (+) na u/ (+) na (+) no curso de licenciatu/, até mesmo de bacharelado, né, (++) mas bacharelado eles volta mais pra pesquisa, né

E: mhm

B: e se um dia chegar a (+) a gente tinha, né, nenhuma graduanda que era surda (+) na sala, não sei se chegou a conhecer ela

E: [eu conheci ela, (+) fiz G.A. com ela

B: aí chega, e aí? Que que cê vai fazer? Eh (++) imagina um intérprete ensinando G.A. pra ela

E: lou:cura demais, (2,0) muito doido (++) tá, eh::: (+) durante o seu período, no Ensino Fundamental e Médio (++) você teve algum contato com aluno surdo na sala?

B: Não (2,0) nenhum

E: [nenhum? (++) e nem durante a faculdade?

B: Só com a Solange

E: tá (++) cê teve contato com a Solange, (+) então me fala como é que era:: a relação da turma com ela

B: quando a gente entro:u, (+) ela já tinha:, se eu não me engano, ela tinha entrado em dois mil e onze:: DOIS, (+) tinha um semestre que ela tava, (++) E ela tinha reprovado em todas as matérias' não tinha dado conta e tal, tava fazendo todas as disciplinas com a gente (2,0) e aí: eu::, não na verdade não sei de quem foi a ideia, (++) mas teve uma iniciativa de, dela dá aulas de LIBRAS pra gente, pra gente conseguir conversar com ela melhor, (+) e até mesmo ajudá-la, porque ela precisava

E: [a JOANA dava a própria aula

B: [a Joana, (+) e aí a gente teve um semestre de aula com a Joana, a própria graduanda

E: [que ma::ssa, véi, eu não sabia disso não

B: em dois mil e doze um, quando a gente entrou' aí ela deu (+) um semestre de aula (++) a gente começou a conversar com ela assim, pouca coisa, porque (+) pra gente era MUITA novidade ne (++) foi pior que a disciplina' ((falou rindo)) de LIBRAS (++) e::: (+) mas aí a gente tentava' comunicar com ela, ela perguntava assim, ia mostrando no caderno, eu acho q/ na verdade eu não sei quem foi a iniciativa, se foi dela (+) ou se foi, por exemplo, do Coordenador do curso (++) não lembro da época (++) mas era pra tentar ajudar ela, (++) aí ela ficou ministrando a/ se eu não me engano era na sexta-feira (2,0) duas horas de aula

E: nossa, que doido, véi, que doido (2,0) cê's gostavam?

B: gostava, vinha todo mu:ndo, a turma (+) nós fazia (2,0) todo mundo

E: que massa, mu::ito doido

B: [e a nossa turma foi BEM cheio, tipo deve que tinha u:ns (2,0) TRINTA alunos (++) então (en)vinha todo mundo

E: (incompreensível) deixa eu só ver se tá gravando ainda, (+) que essa tela desliga e eu fico com medo (2,0) tá vivo ainda

B: ((dá uma risada))

E: tá bom (2,0) tá eh::: cê tem conhecimento da língua de sinais?

B: pouca

E: cê pretende:: eh (2,0) incrementar isso?

B: gostaria, muito, acho uma:: (++) acho que é importante' que nem eu to falando (++) cê chegar e:: (++) e ter que ter um intérprete lá, (+) eu passei por uma parte assim ((falou rindo)) (2,5) quando eu tive o Lucas como aluno, ele:: (2,0) tinha o intérprete tal, eu não conseguia comunicar com ele, tudo que eu tinha que falar com ele eu tinha que falar com o intérprete, pro intérprete falar com ele, (+) então tipo, além de que cê tinha mais (++) VINTE alunos na sala' que cê tinha que parar tudo (+) pra conversar com o intérprete, pro intérprete conversar com ele, (+) sendo que cê poderia ter uma conversa com ele se eu soubesse a língua de sinais (3,0) porque a prova (+) foi a melhor coisa, melhor ((dá uma risada)) melhor episódio, (2,0) o meu aluno surdo fechou a minha prova ((deu uma risada))

E: sério?

B: mas por que? Se nem b/

E: [(incompreensível)

B: o intérprete (+) falava tudo pra ele ((deu uma risada))

E: aff velho, (não) tem, tem graça, sério?

B: sério, (+) ele fechou todas as minhas duas provas, (+) mas aí eu tipo, (++) era EJA né, então (++) eu meio que passava (++) tirando as dúvidas, porque é é uma turma assim que precisa mais de: (++) ajuda né

E: atenção

B: atenção (2,5) e? então assim, eu ficava andando na sala, tinha a Aninha como estagiária, colocava ela também pra: (++) p o col/ pra andar na sala né, pra tentar tirar a dúvida de todo mundo (+) e o Lucas nada, tipo ele tava lá ca/ tava que fazia, mas eu olhava assim e o intérprete lá na prova ((deu uma risada)) ((barulho de mãos))

E: ((deu uma risada)) ((barulho de mãos continua))

B: aí cê fica tipo, como né (+) quê que eu vou falar pra ele (2,0) então ele fechou minhas provas, passou com “notão” em matemática (2,5) e aí cê: (+) você sabendo a língua de sinais pra conversar com o aluno cê po(de) mandar o prof/ o intérprete embora ((deu uma risada)) agora é prova

E: [ia ser massa

B: DÚ::VIDA cê tira comigo

E: pode crer (++) eh:: (3,0) o quê que cê considera interessante (++) , presta atenção, (+) o quê que cê considera interessante pra auxiliar no processo de ensino e aprendizagem quando cê tem aluno surdo?

B: u::i

E: ((deu uma risada))

B: (6,0) acho que uma boa (+) socialização né, com, com os colegas de classe dele, eu acho que não sei ao certo o que fazer, (+) porque ele mesmo falou, (++) quando você não sabe ainda a língua de sinais, (+) você não sabe se comunicar com o seu aluno, (++) então cê depende tudo

do intérprete (2,0) e:: (+) mas assim, socializar toda a (+) a turma né, (+) fazer algo (2,0) que você consiga (2,5) fazer ele pelo menos um dia de:: (++) um aluno: especial ali (++) ELE que vai monitorar a sala, entendeu? (+) eu acho que seria algo legal (++) pra até mesmo pela inclusão dele né, porque: (+) acaba os colegas também não sabem as línguas de sinais, né (+) então ele fica, (+) justamente assim (++) pessoalmente? eu acho que não é uma inclusão, (+) eu acho que é uma exclusão quando coloca alunos assim numa turma (++) do Estado, (+) infelizmente, mas é

E: eu eu compadeço disso daí, (++) vai

B: porque nenhum colega conversa com ele, (+) o PRÓPRIO professor não consegue conversar com ele, a única pessoa que ele tem (conversado pra) dentro da sala de aula (2,0) é o intérprete

E: eu compadeço disso aí eu acho muito paia, porque (2,0) eh:: (+) vamos supor que o professor sabe a língua de sinais, (++) só que ninguém sabe, então ele não tem amigo, em tese, entendeu? então, não adianta vai ser na sala de aula, talvez na aula de matemática que ele vai conversar um POUCO com o professor, (+) ou com o intérprete que seja, (++) passou disso aí/

B: cabou, (+) vai só ele sozinho, eu também acho isso muito paia

E: pode crer (2,0) eh:: (2,00 como que se dava (++) a sua relação de professora e o conteúdo de matemática com o aluno surdo?

B: até que se dava bem, tipo:: (+) no começo eu fiquei bastante assustada (+) por causa do' intérprete, porque é uma pessoa ali, apesar de eu ter a Ane de estagiária, (+) acho que a Ana sendo amiga eu não ficava tão nervosa, mas com intérprete (++) principalmente quando eu ia passando no quadro e ele LEVANTAVA' (+) pra explicar uma coisa que eu tava passando, porque (+) o que o intérprete pedia era sempre pa mim tá apontando, (+) porque além' de ele ter que olhar para o intérprete pra ver o QUÊ que eu estava falando, ele tinha que olhar pro quadro (++) pra entender o QUÊ que eu estava fazendo

E: entendi

B: então assim, (2,0) no começo, (+) eu assustava muito que eu ia/ eu não apontava as coisas direitinho, (+) então tipo: , de repente o intérprete levantava e:: levava/ e ia lá comigo lá no quadro, eu ficava tipo (2,5)

E: ((deu uma risada))

B: tá entendendo'' (++) quê que tá acontecendo ((deu uma risada)), (2,0) mas aí no final eu fui entendendo que se eu fosse mostrando o intérprete ia ficar senta:do ((deu uma risada)) (2,0) e assim, quando ele tinha dúvidas o interprete me chama:va, (++) e eu TINHA que explicar pro intérprete, pro intérprete explicar pra ele, mas assim que sana/ eu só saia de perto dele quando sanava a dúvida, (++) principalmente porque era EJA né, então eu tinha essa:: (++) a sala é menor né, deve que tinha u::ns (2,0) vinte e oito alunos (2,0) e aí eu tinha essa possibilidade de: (++) de (es)tar mane/ eh:: manejando essa: (3,0) essas dúvidas dele, (++) mas é que nem eu to falando, eu não sei nem se era dúvidas, porque (2,0) na hora da prova o intérprete contava tudo pra ele

E: ((deu uma risada))

B: entã::o

E: a::: me fala agora do intérprete, (+) cê acha que a presença dele na sala (++) ajudava mesmo que n/ (+) ele não tenha formação em matemática, não sei o seu, o seu era formado em matemática o intérprete? era só o intérprete

[
B: não (2,0) ele era intérprete, ele era formado em letras (+)

E: e cê acha que ajuda?

B: (2,0) ajuda, porque eu não consigo comunicar com o aluno' (++) mas se eu tiver uma formação (+) em LIBRAS (++) se eu conseguir conversar com meu aluno, (+) eu mando qualquer intérprete embora (2,5) sem dúvidas, (2,0) porque: (2,0) ele é que nem cê tá falando, ele não tem conhecimento matemático, então às vezes a dúvidas (+) pode ser até dele, como é que ele tá explicando matemática pro aluno (+) eu não sei (2,0)

E: essa pergunta é boa né, fala sério

B: é::: ótima (++) porque até mesmo EU não sei o que ele tá explicando de matemática pro meu aluno (3,5)

E: e::: (2,0) cê teve intérprete cê falou:u, (+) como que era a relação dele com o aluno?

B: ótima ((deu uma risada)) (++) eles era bem/

E: era tão boa que até contava a prova né

B: e:ra tão boa que eles contava a prova um pro o::utro (+) u::: beleza (2,0), mas (++) eh:: (+) sempre um chegava atrasado, isso que eu achava incrível, que eu tinha o primeiro e o segundo horário na (+) na:: turma (2,0) e aí::: (+) ou era o intérprete atrasava, ou era o Lucas atrasava,(+) então um sempre tinha que ficar esperando o outro, (+) meu medo maior era quando o intérprete atrasava, porque como é que eu ia co/ começar a aula sem o intérprete ((deu uma risada)) (++) mas aí:: (+) passava um tempo o outro chegava

E: ce:rto, (2,0) as duas (+) últimas perguntas (2,0) como você:: elencaria (++) , sabe que que é elencaria? (++) como você colocaria

[
B: não

E: as dificuldades que encontrou ao ter um aluno surdo na sala de aula, (++) que que cê (++) teve de dificuldade

B: eu acho que eu vou (+) falar de novo a comunicação, (++) porque: é difícil eu/ (+) eu me senti incomodada de não conseguir comunicar com ele (2,0) eh:: ele faz parte da turma (++) cê não comunicar com ele é::: (+) eu to excluindo ele da turma (3,5), mas (2,0) o resto (++) a matéria, (++) prova, (2,0) não encontrei dificuldade não, trabalho ele sentava em grupo, tinha UMA menina na turma que (++) conseguia conversar melhor com ele, não e:ra assim, (+) ela também não é/ (++) não sabe muito bem LIBRAS, mas ela conseguia comunicar com ele facilmente (2,0) então assim, trabalho em grupo eu passe:i, aí pedi ela pra fazer com e:le (2,0) eh:: eles terminaram o trabalho lá: (+) que eu (++) costumava passar trabalho em sala né porque como é EJA eles trabalha o dia inteiro, (2,0) e aí:: (+) conseguiram se comunica:r, ele fez tu:do, (+) trabalho (++) e dúvidas também (+) como eu expliquei, (++) passava pro intérprete, o intérprete passava pra ele (++) e assim foi indo, (+) mas acho que mesmo em relação à comunicação foi a pior parte

[
E: (imcompreensível) era a comunicação com ele?

B: é (+) gostaria de conseguir comunicar com ele

E: eh:: (+) e a última é por quanto tempo você teve experiência de ter aluno surdo em sala?

B: foram seis meses né, (+) porque como é EJA, (+) aí eles conseguem fazer a formação de um ano em seis meses (2,0) aí eu tenho que fazer um relatório dele (+) depois, (+) assim que acaba o ano, né (++) e aí fiz o relatório (+) da:: (2,0) como é que fala (2,5) da evolução dele na matéria o quê que ele aprendeu (+) qual que foi as dificuldades (++) passei pra supervisora e ele (++) passou de ano (2,0) que eu acho que ele foi bem em todas as matérias, (+) foi não s/ foi não só na minha

E: seis meses, (2,0) massa demais (+) cabou

B: ãn?

E: foi rápido, (+) deixa eu ver quanto tempo foi (++) dezoito/ ((fim da gravação))

ENTREVISTA 3

Realizada em 04 de maio de 2018 às 18 horas e 04 minutos.

Duração do áudio: 12 minutos e 33 segundos.

Entrevistador: autor (E)

Entrevistado: professora Collin (C)

E: aí já (++) tá valendo, (++) tá (+) pra começar eu quero que cê me fala:: um pouco sobre a sua: (+) formação

C: eh:: eu sou graduado em licenciatura (+) em matemática na:: (++) Universidade de Uberaba, (+) Campus Uberaba, e: especialização e:m (+) estatística' (++) pela UFU (3,0)

E: cê fe::z, já respondeu aqui, (+) cê fez a licenciatura em matemática ou outro curso, (++) beleza (++) agora: segunda pergunta (2,0) como se deu sua atuação como professor com aluno surdo?

C: é bem complicado, (++) porque eu nã::o, (+) nã::o (+) tenho LIBRAS, (+) nada, (+) zero (2,0) e:: (+), por sorte a gente tem os intérpretes na sala, (++) mas mesmo assim as vezes na falta do intérprete, que: (++) pode acontecer (+) e mesmo quando:: (+) chega aluno novato e o Estado ainda não disponibilizo:u o intérprete (++) e aí: eu (2,0) é bem complicado, porque eu não/ (++) zero LIBRAS (2,) e:: aí vai (+) uma aluna aju:da eh:: ou o/ (+) escrevo no caderno, escrevo no qua:dro (+) e:: vai dessa forma, (+) cadern/ escrevendo, caderno, quadro (+) e olhando para ele e el/ o que muitos eh:: (2,5) a leit/ faz a leitura labial (++) bem feita, né, (++) a maioria deles (+) e vai dessa forma, a leitura labial (++) escrevendo no caderno, perguntando (+) escrevo a pergunta, ele responde, (+) escrevo no quadro, (+) mostro (+) vai dessa forma

E: beleza (++) e como que cê chego:u (++) como é que foi que você chegou com/ (+) tendo aluno suro em sala

C: a primeira vez?

E: é

C: eh:: (++) me deparei com uma situação que eu não imaginava que eu ia passar (2,0) eh:: (+) porque:: na faculdade a gente não teve (++) eh::: nem aula especí:fica (+) a nossa aula de psicologia e pedagogia da:: (+) do curso de graduação (++) bem superficial, então não:: (+) não aprofundou muito NESSAS situações de deparar co:m um aluno (+) surdo, e::: foi complicado, (2,0) eh::: por sorte eu acho que os primeiros que eu tive, eh:: (+) já tinha intérprete (2,0) e aí eu fui acostumando com eles e:: (+) conversar/, DAR aula mais olhando pra eles (++) para eles ajudar a leitura labial e:: foi dessa forma, (+) foi bem complicado, mais hoje já acostumei mais, (+) mas mesmo assim eu sinto a falta de ter a LIBRAS pra EU próprio (++) eh::: relacionar mesmo com ele ali na aula

E: certo (2,0) tá, (+) cê fe::z alguma capacitação ou especialização pra ministrar aula pra alunos com alguma deficiência?

C: não, (+) nenhuma

E: nenhuma

C: nenhuma

E: tá

C: nenhum tipo de curso

E: então:: (+) me conta um pouco sobre a sua motivação (++) pra lidar com o ensino para alunos com alguma deficiência (2,0) cê já teve, né alunos surdo em sala

C: [te:::nho, (+)

E: qual foi sua motivação?

C: [tive e tenho

E: pra isso

C: [pra lidar com ele?

E: é

C: por sorte, os alunos que eu tenho são:: bons alunos e gostam de matemática (+) facilita o meu trabalho, (+) eh:: e tem o intérprete também, (+) mas a motivação antes de: (+) deparar com essa situação (2,0) eu nem tinha motivação, porque eu não::: (++) não sab/ não ti/ igual eu te falei, não tive faculdade, (+) não tem o curso, não tenho NADA ara lidar, (++) com ele, (+) e::: hoje (+) motivação é como um aluno normal (++) pra mim, (+) não vejo diferença por, graças a Deus ter tido, e ter alunos que: (2,0) gostam de matemática, então já me facilita pra mim, (++) e ter os intérprete, né, e:: o eu eu lido mais é::: dessa forma

E: tá (+) eh::: cê cursou alguma disciplina, ou algum curso que na sua opinião se preparou pra ministrar aula pra alunos com deficiência?

C: não, (+) é:: como eu te disse a:: aula de pedagogia e::: (2,5) eh (+) pedagogia e (2,5) outra: (++) outra outra matéria que a gente tinha na::: na gra/

E: [psicologia

C: psicologia é (++) na na: graduação não fo/ foi MUITO superficial (++) então não deu pra::: (+) a gente:: realmente aprender? (++) a lidar (++) com as dificuldades que é um aluno deficiente em sala de aula, (++) foi muito básico (++) o que eu tive na graduação, (++) então não:: não tive, não posso falar que:: (2,0) que:: que eu não posso afirmar que eu fui preparado pra:: pra lidar com essas situação, (+) e foi mesmo quando cheguei pra dar aula e deparei ((deu uma risada))

E: entendi (+) e cê acha que seria interessante cê discuti::r, discutir esse assunto durante a graduação?

C: com certeza, (+) com certeza, (+) tem que ter uma matéria ali mais aprofundada e::: te/ buscar isso nas escolas, (++) eh::: experiência durante os estágios, TER a matéria e nos estágios ter uma parte (++) obrigatória trabalhar co::m (+) os alunos deficientes (++) coisa que na particular, na faculdade você tem hoje, né (+) esse estágio, na federal, eu eu na particular não tive, (+) e não sei se tem hoje, mas que seria ideal, importante ter

E: tá (++) durante seu período de ensino fundamental e ensino médio, (+) lá atrás, cê teve algum contato com aluno surdo em sala?

C: quando eu estudei?

E: é

C: não me recordo, (++)

E: não se recorda?

C: não recordo de ter (2,0) até porque antes era mai::s (++) vamo dizer, usar a palavra meio forte, mas era descriminalizado, né, (++) era:: tinha as escolas especializadas em surdo, e lá eles colocavam todos e lá eles aprendiam lá do jeito deles, então a gente não tinha muito contato não

E: era separado

C: era separado (++) eu não lembro de ter colegas (2,0) surdos não me recordo

E: [tá, (+) e durante a faculdade cê teve?

C: tive um, (+) tive um colega, Marcos (2,0) e, mas eu não tinha muito proximidade com ele devido a minha::: (+) deficiência na libra, né, conversava muito pouco com ele, (+) pouco, pouco, e eu (+) a experiência que eu tinha de ler os textos dele que é:: (++) escrito totalmente:: diferente (++)), mas foi uma experiência, né (+) não deixou de ser mas por falar que eu:: era próximo dele eu não era não

E: tá, (+) então cê falou que cê tinha, (+) como é que era a relação da turma com esse surdo:

C: a maioria da turma era como a minha com ele, (+) era::: não que a gente isolava ele, (++) até porque:: a turma era bem bacana, mas falar que a gente tinha u::m uma proximidade assim, de colega, de turma assim não tinha não, (++) tin/ eu lembro de duas alunas, duas colegas que era MUITO próximas dele, (++) até que elas terminaram a graduação e especializaram nessa área, (+) mas a turma n/ era como a minha relação com ele, (+) era:: (+) be::

E: pouca

C: superficial, (+) não era:: nada muito forte não

E: tá (2,0) essa aqui cê respondeu, mas vou ter que perguntar, (+) eh::: cê tem conhecimento na lingua de sinais?

C: não, (+) não tenho

E: e cê pretende aprender?

C: gostaria muito

E: tá, (+) agora uma pergunta boa, (++) o quê que cê considera interessante pra auxiliar no processo de ensino-aprendizagem quando se tem um aluno surdo na sala?

C: o quê que eu considero importante, (++) seria o professor ter LIBRAS (2,0) primeira coisa, porque independente da gente ter o:: (++) o intérprete, se a gente tive::r o:: eh:: esse conhecimento, (+) pra diretamente interagir com ele, com aluno, (+) na forma dele facilita mais, (2,0) e aí que seria MUITO importante, né, (+) mas e o intérprete que não deixa de ser, porque ele tá ali do lado dele acompanha o tempo to::do, (++) e:: o que seria mais importante mesmo é professor mesmo te::r (+) o curso, né, ter habilidade pra lidar com ele diretamente, (++) não ter que fica::r (++) usando o intérprete pra:: (+) pro diálogo

E: entendi, (++) beleza (++) eh:: como que era a sua relação de professor (++) com aluno surdo?

C: boa, eh::: relação:: (2,5) mai::s próxima no sentido de:: tipo de carinho mesmo, (+) por eles, eh::: que eles são MUITO (+) igual te falei, eh: eu tive sorte, e tenho (+) de eles gostarem muito matemática (2,0) e aí me admirava muito ver eles, que tem um professor, que não: (++) tem habilidade pra:: dialogar com ele diretamente (++) e veio, e::ra o carinho mesmo (+) eh:: com eles foi muito bacana, (+) é bacana eu te::r, eu ter eles na sala (2,5) por mim, (+) e pelos outros colegas também que acabam que aprende ali com ele também

E: a (+) ago::ra: eh (+) a presença de um intérprete na sala de aula ajuda mesmo que ele não tem formação em matemática?

C: ajuda, (+) muito, (++) eles acaba aprendendo um pouco da matemática, né, (+) se eles ficam em dúvida da minha explicação, (+) eles me chamam, (+) oh, não entendi aqui e::: (+) a consegue passar (+) pra eles, (+) pros alunos, (+) é importante mesmo não tendo:: matemática, conhecimento da matemática (++) MUITO importante, (+) dificultaria muito nosso trabalho se não tivesse::: ele na sala

E: eh:: e aí como cê falou que cê teve intérprete, (++) como que era a relação do intérprete com esse aluno?

C: excelentes, todos eles, (+) é muito próximo, eh:: eles sentam muito próximo, né, então eles conversam muito ali com eles, no tempo que a gente não tá dando explicação, não tem atividade, em algum intervalo, (+) então é muito próxima a relação deles

E: boa então

C: boa, muito boa

E: agora:: como que você elencaria as dificuldades que encontrou ao ter um aluno surdo em sala, (+) quê que você colocaria de de de de dificuldades assim de ter aluno surdo?

C: a principal até eu já falei, né, (+) é eu não ter (2,0) eh:: habilidade pa conversar com ele em LIBRAS, né, a língua dele (2,5) e:: (++) eu ach/ eu acho que o principal é isso mesmo, (++) outras dificuldades eu não/ (++) não me recordo agora não (2,0) a principal é essa mesmo, é habilidade do professor não eh:: a não ter habilidade:: na língua deles (++) é o que:: é a maior dificuldade

E: certo, (++) agora última pergunta já (2,0) por quanto tempo você teve experiência de ter aluno surdo em sala?

C: desde que eu trabalho no noturno, (+) eh:: a já tem aí: que eu vim aqui pro EJA, principalmente, a uns cinco, seis anos já

E: cinco, seis anos?

C: já

E: e continua trabalhando?

C: continuo trabalhando, (+) eh:: eu tenho um aluno surdo (imcompreensível) no:: (+) no primeiro ano regular, (+) é (2,0) é esse semestre que eu tenho/ que to com menos, mas eu já tive:: (++) caso de de semestre aí ter quatro turmas, cada uma com (++) com surdo

E: sério? Quatro turmas cada turma com um surdo?

C: com um surdo, (2,0) exatamente, é (+) já teve caso, (+) de ter aí uns três, quatro

E: ah não, então você tem bons anos de experiência

C: é, (+) é bastante, poderia ter mais se eu tivesse o meu conhecimento em LIBRAS, né, (+) eu acho que a experiência seria mais (++) prazerosa, com certeza, mas já é válido já, porque:: muda muito a nossa concepção, né, bastante, (+) bacana, é importante essa socialização, (+) eh: pros alunos da turma, pros professores, é bacana

E: legal demais, cara, (+) rapidinho oh, DOZE minutos ((fim da gravação))

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário de um ensaio de pesquisa no âmbito da graduação do Curso de Licenciatura Matemática para fins de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – intitulado “EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM CONTATO COM ALUNOS SURDOS”, orientado pela Prof^a Dr^a Maria Teresa Menezes de Freitas.

Ressaltamos que você foi selecionado para participar deste estudo por: ser professor que tem – ou teve – contato com alunos surdos em salas de aula do ensino médio.

Leia atentamente as informações e termos abaixo:

1. **Objetivo geral da investigação:** Evidenciar a necessidade de preparo dos professores, especificamente de matemática, para lidar com alunos surdos de forma adequada.
2. **Sua participação na pesquisa:** Participar de entrevistas em que será abordado sua experiência como professor de matemática em sala de aula inclusiva com participação com alunos surdos.
3. **Seus direitos como participante:** Você será esclarecido(a) sobre o ensaio de pesquisa em quaisquer aspectos que desejar. A sua participação é voluntária, portanto não obrigatória, e a recusa em participar não irá acarretar em qualquer penalidade.
4. **Benefícios e riscos:** A realização deste estudo poderá trazer como benefício contribuições para futuros professores de educação inclusiva, bem como a percepção de dificuldades no ambiente educacional do aluno surdo. O risco que porventura possa ter seria o eventual constrangido(a) com a realização da entrevista. Eu, pesquisador em formação, me comprometo a manter ampla e completa discricção do que se fizer necessário, além do total anonimato dos voluntários (participantes) da pesquisa. Assim, a sua identidade será tratado com padrões profissionais de segredo ao utilizar os dados coletados na pesquisa para produção do TCC, bem como para a produção de artigos técnicos e científicos.

Agradecemos por sua participação e colaboração.

Assinatura do graduando/pesquisador em formação

TERMO de CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto do Trabalho de Final de Curso, e que será garantido o sigilo quanto ao meu nome e aos meus dados pessoais. Eu compreendo que neste estudo talvez sejam realizadas entrevistas e/ou aplicados questionários. Fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso:

Assinatura _____ Local: _____

Data: __/__/__ .